



MAIS LEVE

JORNALISTA E ESCRITORA. APRESENTA O CANAL DO YOUTUBE CHÁ COM LEVEZA ▶ sandrakieferjornal@gmail.com

6 Era interessante caminhar entre esses homenzinhos verdes, que se tornaram ícones da cultura mexicana. Até que um deles pegou no meu pé'

A lição dos espinhos

Para o bom observador, a natureza dá sinais. Não acredita? Caso curioso acaba de acontecer comigo no segundo retiro espiritual do México, agora em outubro. Nosso grupo de mulheres fazia uma caminhada pelo deserto de Chihuahua, rodeado por rochas enormes. A vegetação local lembrava cenário de desenho animado, com cactos distribuídos por toda parte.

A trilha exigia concentração e foco para não esbarrar nas formações espinhosas, de diferentes tipos e tamanhos. Uns traziam galhos retorcidos, outros tinham folhas achatadas (que são comestíveis por lá) ou se agrupavam em gomos, formando uma espécie de mandala natural. Entre todos eles, o ponto comum eram os espinhos.

Em destaque, sobressaem na paisagem os cactos de tronco alto e dois ou três braços, posicionados ao lado do 'corpo'. Tinham porte imponente e a cabeça erguida, como se pedissem um sombrero para espantar o calor. Era interessante caminhar entre esses homenzinhos verdes, que se torna-

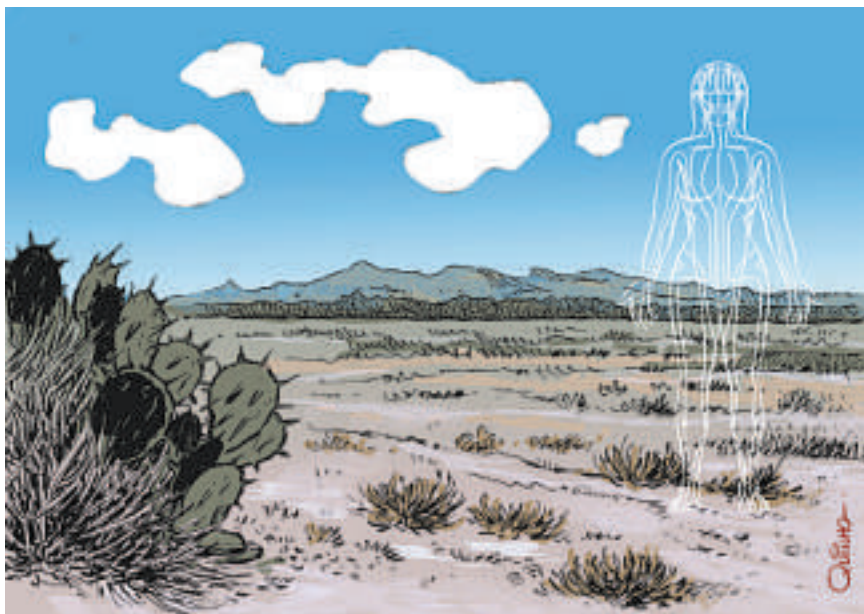
ram ícones da cultura mexicana. Até que um deles pegou no meu pé.

Não sei dizer qual deles foi, nem de qual espécie ou tamanho. Só pensava na dor intensa do ferrão, que atravessou a sola do tênis e entrou na carne, acertando o alvo do dedo mindinho. Daquele jeito, não conseguiria acompanhar o restante da turma. Dei uma parada, arranquei o espinho com a mão e segui em frente, machucando levemente.

Curiosa, perguntei sobre simbolismo daquele acontecimento à tutora do movimento de caridade Field of Love. Conhecida como voz da Mãe Terra, Ladamira me olhou como se eu tivesse 5 anos de idade. Senti como se tivesse regressado ao jardim de infância, pedindo a um adulto para soprar o meu machucado. Com ar maternal, a tutora explicou:

– Parabéns! Você acaba de receber uma acupuntura da natureza!

A explicação da tutora foi linda, quase poética. Mas eu precisava entender melhor do que se tratava. De volta ao hotel, pesquisei novas informações no Google, que oferece



milhares de enciclopédias em um único clique.

Em poucos segundos, surgiram na tela textos sobre o tratamento da medicina oriental chinesa, que já conquistou o reconhecimento de muitos médicos do Ocidente e até dos planos de saúde no Brasil. Na se-

ção de imagens, encontrei mapas detalhados dos pontos de acupuntura e sua correlação com cada centímetro do corpo humano.

Estava lá, perfeitamente ilustrado, o dedinho do meu pé esquerdo. Em letras minúsculas, que mal cabiam no contorno do desenho, vinha a ex-

plicação que faltava: ombros. Inacreditável. Não sei quem fofocou com a natureza que eu estava com dor nos ombros, após arrastar malas pesadas de um terminal a outro do aeroporto da Cidade do México, cuja população perde apenas para a de São Paulo.

Pelo que entendi da leitura, o lado direito do corpo é ligado ao masculino e aos apegos ao passado. O esquerdo é feminino, voltado para o futuro. Mas vamos direto ao ponto. A dor nos ombros não ficou 100% curada, mas melhorou bastante.

O caso não é único. Entre as pistas fornecidas pelo mundo sutil, estão o trevo que dá sorte, a borboleta amarela que traz alegria e a espada-de-são-jorge que espanta mau-olhado. Já as estrelas cadentes são promessa de realização de desejos.

Há ainda quem diga que, se você receber flores, é sinal de que Deus está feliz com você. Se avistar um beija-flor, acaba de receber a visita de um ente querido que já partiu. Por último, vem a lição do cactus. Os espinhos podem ferir na hora, mas com o tempo ajudam a curar.

* Sandra Kiefer assina esta coluna quinzenalmente

■ MATÉRIA DE CAPA

ACOMPANHAR O TRABALHO DE PAIS NAS CONSULTAS OU ATENDIMENTOS DOMICILIARES DESDE CEDO DESPERTOU A VOCAÇÃO DE MÉDICOS QUE DECIDIRAM SEGUIR OS MESMOS PASSOS NA CARREIRA

LEGADO DE FAMÍLIA

JOANA GONTIJO

Agnaldo Lopes da Silva foi o primeiro morador de Carai, no Norte de Minas, a se tornar médico, em 1958. Especializado em otorrinolaringologia, se formou em Belo Horizonte, pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Nos 25 anos em que viveu em Teófilo Otoni, organizou sua rotina entre o consultório, o hospital e a fazenda da família. Com a esposa, Maria Thereza Martins da Costa Lopes, teve cinco filhos. Depois de quatro mulheres, nasceu o filho caçula, Agnaldo, que herdou do pai, falecido, o nome e a profissão.

Com passagem por algumas especialidades médicas, Agnaldo Lopes da Silva Filho, de 47, hoje é presidente da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo). O ginecologista conta que não sabe precisar o momento exato em que decidiu cursar medicina. Desde criança, seus interesses apontaram a direção. O fato de ser filho do único otorrinolaringologista de uma cidade do interior lhe proporcionou uma experiência interessante que, certamente, contribuiu para a escolha, embora antes não tivesse consciência sobre isso.

"Naquela época, era costume o atendimento médico domiciliar e meu pai recebia pacientes em nossa casa ou os atendia em suas residências. Nesses atendimentos fora do consultório, frequentemente solicitava minha participação, quem sabe já intuindo a minha vocação e alimentando a chama", lembra.

Agnaldo diz que a carreira científica e acadêmica foi influenciada por mestres da vida e da profissão. O primeiro foi o pai, homem de caráter notável, honestidade e simplicidade, como relata, cujo exemplo foi sua maior ferramenta de ensino. "Talvez tenha sido o principal responsável pela minha carreira, já que sempre me ensinou que estudo e competência são importantes, mas o imprescindível é o caráter. Para meu pai, o mais importante não era ser bem-sucedido, mas ser um homem de valor", lembra. Da mãe, ainda garoto se recorda de ouvir que a medicina é um sacerdócio.

Com a também médica Rívia Lamaita, de 48, teve os filhos Teresa e Bernardo. Os dois pretendem seguir a carreira médica. "Interes-

“
Pela influência desse profundo desejo do meu pai, eu e meus irmãos decidimos pela medicina”

■ Jaqueline Bifano, de 35 anos, psiquiatra

so-me pela oncologia. Isso veio dos meus pais. Sempre escutei os dois conversando sobre a medicina e me passaram o amor pela profissão. Ensinaram-me a ir atrás do que eu quero", conta Teresa.

Agnaldo diz que o aprendizado é diário, muito pelo contato com os pacientes que tem a oportunidade de auxiliar. "Aprendo com as vitórias e também com os erros e fracassos. Quando se lida com vidas humanas, todas as decisões envolvem riscos. O exercício da medicina exige que sejamos capazes de enfrentar esses riscos e de tomar decisões por vezes muito difíceis." Para Agnaldo, a noção mais importante sobre relação médico-paciente é a da confiança. "A pessoa se entrega a você."

Com a pandemia, Agnaldo observa mudanças na sua forma de atuação. Costumava viajar para outras cidades, estados e até países diferentes para participar de congressos, concursos, conferências, bancas de pós-graduação, muito por causa de seu cargo de professor titular da cadeira de ginecologia na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse período de quarentena, as atividades passaram a ser pelas plataformas digitais. Na universidade, inclusive, as aulas presenciais acabam de ser retomadas.

Por um lado, não há mais o desgaste com tantas viagens, como diz o médico, e, por outro, com o trabalho na Febrasgo no momento baseado nos contatos virtuais, a relação com os associados foi estreitada. "Conseguimos uma presença mais próxima com

os associados em outras regiões do Brasil e no exterior", descreve.

SUPER-HERÓIS A psiquiatra Jaqueline Bifano, de 35, cresceu escutando do pai elogios à medicina. Pessoas que salvam vidas e se empenham no cuidado ao próximo para ele são mesmo super-heróis. O irmão e a irmã também são médicos. "Desde criança, para nós essa parecia a melhor profissão que podíamos escolher", diz.

O sonho do pai em ser médico, ainda que não realizado por ele, devido à dificuldade em lidar com sangue, mesmo assim foi a inspiração pela opção. "Pela influência desse profundo desejo do meu pai, eu e meus irmãos decidimos pela medicina. Meu irmão até cursou relações internacionais, mas abandonou o curso no último ano por ver que não era aquilo que ele queria. Hoje, somos dois psiquiatras e uma neurologista."

EMPURRÃO Um percorrendo os passos do outro, entre o dermatologista Lucas Miranda, de 37, e a neurologista Tauana Tirone, de 32, a afeição pela medicina foi transmitida de primo para prima. Os dois cresceram em Carangola, no interior mineiro, e estudaram nos mesmos colégios durante a infância. Mais tarde, cursaram faculdade e fizeram a residência médica também nas mesmas instituições. "Lucas é cinco anos mais velho. Fui acompanhando seus passos, as histórias que contava sobre o curso, a faculdade de medicina. Foi um empurrão para eu não desistir", lembra Tauana. Quando ingressou na escola de medicina, os incentivos recebidos do primo eram ainda maiores. "Muitas vezes, sofria com a rotina pesada de estudo e dedicação que o curso exige. Mas, como o Lucas tinha passado pelo mesmo caminho, me ajudava muito repassando materiais, me estimulando."

Para Lucas, a medicina é uma vontade que vem de garoto. "Não me lembro ao certo em qual idade, ou como exatamente isso surgiu. Nunca cogitei outra área, o que é curioso para mim até hoje. Talvez por ser um grande objetivo, desde cedo despertou o interesse de parte da família", diz.

O irmão mais novo de Tauana também acaba de se formar em medicina e a afilhada de Lucas, Lorena, vai fazer o Enem visando essa área.



Médico ginecologista, Agnaldo Lopes diz que os filhos, Teresa e Bernardo, querem seguir a mesma carreira